

As diferenças de representação LGBT na TV aberta e no streaming¹

Rafael Augusto Bellangero²
Orientação: Andrea Rosendo da Silva³
Universidade de São Paulo - USP

Resumo

O estudo pretende investigar como formato, meio e público alvo gera diferenças na representação da comunidade LGBTQIA+ dentro de obras audiovisuais no streaming e TV aberta. Para isso, será utilizado a metodologia da pesquisa bibliográfica para refletir teoricamente sobre a identidade na pós-modernidade e para traçar um histórico da personagem LGBTQIA+ nos dois espaços. O artigo também empregará uma pesquisa documental com o objetivo de analisar empiricamente tanto a programação da TV Globo como o catálogo da Netflix para analisar as diferenças de trajetória dos grupos citados na televisão e streaming.

Palavra-chave: Audiovisual; Diversidade sexual; Identidade; TV Aberta; Streaming

Introdução

O mundo pós-moderno é caracterizado pela pluralidade e diversidade, resultado da dissolução de narrativas únicas e da valorização de múltiplas visões. (Harari, 2018). Inclusive, a globalização e novas tecnologias de comunicação possibilitam a conexão de culturas e avanços na diversidade e inclusão.

Hoje existem séries e filmes protagonizados por personagens LGBTQIA+. Nessas histórias, essas identidades historicamente marginalizadas são apresentadas com camadas narrativas, protagonismo, sem estereótipos, mas nem sempre foi assim. Durante anos, essas personagens foram apresentadas de forma depreciativa e estereotipada. (Moreno, 1995).

Ao refletir sobre essa mudança de paradigma na representação de personagem LGBT no audiovisual, é possível associar às mudanças presentes na sociedade pós-moderna, cuja diversidade na produção cultural é muitas vezes exigida por pressão social. Contudo, a representação é diferente na televisão aberta brasileira e nos streamings. O streaming tem produções do mundo inteiro, permite que o público

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós Graduado Lato Sensu em Gestão Cultural pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: rafaelbellangero@usp.br.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP) e professora do curso Gestão de Projetos Culturais da Universidade de São Paulo. E-mail: andrearosendo@usp.br.

escolha o que assistir, dialogando com o público global e sem regulamentações do governo brasileiro. Já a TV aberta, com programação organizada por diferentes canais, transmite o mesmo conteúdo para todos, em sua maioria de produção nacional, enfrenta regulamentações do governo, e tem um público predominantemente brasileiro. Isso gera a pergunta: os instrumentos normativos, junto da parcela do público que mantém a ideologia da “família tradicional”, tornam a televisão aberta brasileira mais resistente a representatividade?

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), pelo menos 2,9 milhões de brasileiros se identificam como LGBTQs. Desde 2019, a homofobia é crime no Brasil pela Lei 7716/89, mas o país ainda está entre os que mais comete crimes de homofobia no mundo.

Por mais que LGBTQs representem quase 2% da população adulta do país, esse grupo ainda representa um lugar minoritário no audiovisual. Inclusive, por anos, essa mídia buscou depreciar e reforçar a intolerância.

Com o poder que o cinema exerce sobre o pensamento das pessoas, acontece aí um entrave na sua comunicação. Um modo de expressão que denigre o papel do homossexual na sociedade, pois, ao criar e depois fazer crer ao público que aqueles personagens são os mesmos da vida real, o que fica é a imagem de um ser ridículo, fraco, sem nenhum estatuto legal dentro da sociedade. E para isso contribui, definitivamente, o uso exacerbado do gestual, servindo como discurso desaprovador de um sujeito que está fora dos padrões de gestualidade que a sociedade acredita ser o único: o gestual próprio de um homem ou mulher heterossexual [...] (Moreno, 1995, p.06-07).

Contudo, na pós-modernidade, o enfrentamento de pessoas LGBTQs têm impulsionado a valorização da diversidade. Por meio de pressão social e da lógica do lucro, o audiovisual tornou-se mídia que pode dar voz às minorias. Enquanto o streaming parece crescer na representatividade com séries de sucesso como *Heartstopper*, a TV aberta parece enfrentar resistência (Silva, 2021).

Uma obra normalmente carrega uma mensagem ideológica, e assim ela pode quebrar alguns preconceitos ou reforçá-los. O intuito desta pesquisa é entender as diferenças entre a televisão aberta e o streaming na construção de um mundo mais diverso e empoderado. Para chegar nesses resultados, será utilizado a metodologia de pesquisa bibliográfica com uma análise histórica das personagens LGBTQs dentro da televisão brasileira. O estudo será feito a partir da representação deste grupo na TV Globo, a maior emissora aberta do Brasil, que conta com 123 emissoras de televisão,

sendo 5 próprias e 118 aliadas nas cinco regiões brasileiras (DE OLIVEIRA; SOUSA, 2023). E a Netflix será a plataforma de streaming investigada. Outro método empregado será a pesquisa documental, a partir da análise de novelas da TV Globo e audiovisuais da Netflix, a qual servirá para observar semelhanças e diferenças da representação e representatividade nas duas empresas de mídias.

Marcos teóricos

Este estudo parte do entendimento de que uma obra audiovisual transmite mensagem por meio da narrativa visual e sonora, refletindo uma visão de mundo. De acordo com Antônio Moreno (1995), é perceptível a mudança de paradigmas do personagem homossexual dentro do cinema. No começo era um tabu, depois foram retratados com estereótipos, às vezes para fins cômicos, outras depreciativas. (Moreno, 1995); porém, hoje, essa personagem contém histórias felizes e aparece em grandes produções, sem caricaturas.

Logo, é necessário entender as mudanças da sociedade e do indivíduo na pós-modernidade. Bauman (2001) explica que as relações sociais, econômicas e de produção se tornaram mais fluidas, resultando em valores mais frágeis, um grande sentimento de angústia e maior individualidade, podendo gerar uma crise de identidade.

Para entender isso, Hall (2006) afirma que os indivíduos incorporam e reproduzem a cultura, por meio de um processo de construção simbólica que gera a identidade. Na pós-modernidade, o sujeito não tem uma identidade fixa, mas sim uma identidade móvel, politizada, constantemente transformada pela diversidade cultural.

Nessa perspectiva, entra o papel da Indústria Cultural do século XXI. Essa lógica de mercado está muito ligada ao consumo, que seria a pessoa consumir aquilo que vê como necessidade e desejo. Adorno (2002) afirma que a subjetividade humana é construída pela mercadoria e que a Indústria Cultural busca lucrar ao ocupar o tempo livre com conteúdo que atraia a maior audiência.

Seguindo a lógica do consumo diversificado para atingir mais público, pautas LGBTQs deixaram de ser tabus para integrar no audiovisual, atendendo o público de pessoas não binárias. Tanto é que Néstor Canclini (2009, p.143) afirma que o século XX foi o período do reconhecimento da diversidade: “[...] Houve um avanço na aceitação da pluralidade étnica, das diversas opções de gênero, das primeiras formas de cidadania

multinacional ou da possibilidade de uma pessoa ter várias nacionalidades [...]”. Isso demonstra que hoje, os sujeitos não aceitam mais as identidades impostas da construção universal, biológica e binária da sociedade.

Apoiam nessa fase autores como Mota (2022), que realiza uma contextualização histórica do movimento LGBT e sua luta pelo direito de existir. Mikos e Sierra (2018) que abordam a imposição da norma heteronormativa dentro do cinema de temática homossexual e o alcance dessas produções no público; e Silva (2021) que discute de gênero, sexualidade e representatividade em produções do streaming e da televisão aberta.

Conclusão

A representação LGBT na mídia brasileira revela um contraste quando se compara a TV Globo com a Netflix. De um lado, a Globo promove representações LGBTs de forma cautelosa, no qual na maioria das vezes restringe os personagens não binários a tramas secundárias e evitando grandes demonstrações explícitas de afeto. Beijos, carícias ou relações afetivas entre casais do mesmo sexo são frequentemente suavizados, colocados em segundo plano ou evitados, demonstrando o receio da emissora nas reações conservadoras do público. Exemplo disso, é a novela transmitida em 2014, a *Amor à Vida* (TV Globo, 2014) que demonstrou o primeiro beijo gay em novela da Globo entre Félix e Niko apenas no último episódio, mesmo esse sendo um núcleo importante na história, enquanto casais heteros não sofriam a mesma “censura”. Por ser de concessão pública, enfrenta regulamentação que influencia diretamente a produção de conteúdos com representatividade, no qual o viés político federal pode influenciar na produção de conteúdos nesse meio. Além disso, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 221, inciso IV, estabelece que a programação das emissoras deve respeitar os "valores éticos e sociais da pessoa e da família" e a classificação indicativa, que pode ser interpretado de forma conservadora, restringindo narrativas com diversidade de gênero e sexualidade.

O governo brasileiro é um ente regulador, no entanto, os conteúdos dos canais da TV aberta vêm demonstrando uma dinâmica para além do domínio do Estado. Um exemplo que evidencia isso é a forma como Rede Globo e Rede Record produzem telenovelas na atualidade. A Rede Globo tem demonstrado uma inclinação maior para a

representatividade da população negra e até mesmo da população evangélica. Tal fato nos leva a hipótese da disputa pela audiência, pois, segundos dados do IBGE (2025), o número de evangélicos brasileiros cresceu de 21,6% em 2010 para 26,9% em 2022 e a Globo recua na representatividade LGBT, uma vez que esse grupo, mais conservador, consome novelas bíblicas/ religiosas.

Já a Netflix vem promovendo representações mais diversas com personagens LGBTQIA+ no centro das narrativas, tendo protagonismo com histórias diversas. Como, por exemplo, as séries Heartstopper, Young Royals, entre outras. Esse modelo de negócio busca um público amplo, global e diverso, afinal existem conteúdos para todos os gostos e o público que escolhe o que assistir. Além disso, a empresa produtora não tem medo de perder a concessão com a produção de conteúdos que divergem da visão ideológica do Governo Federal, uma vez que não enfrenta nenhuma regulação no país.

Desta forma, a partir de dados extraídos da programação da Globo e do catálogo da Netflix, entre de 2020 e de 2025 é possível observar que a representação LGBTQIA+ difere nos dois meios. A TV aberta, embora alcance a maioria da população brasileira, já que é transmitida por sinal gratuito, tem limitações como classificação indicativa, restrições ideológicas da população e dependência de patrocinadores. Já o streaming oferece maior liberdade criativa e acesso a conteúdo diversos, embora restrito a quem pode pagar pelo serviço. Logo, podemos inferir a existência da desigualdade de acesso, evidenciando como os meios influenciam a representatividade. Por isso, aprofundar essa pesquisa é importante para entender como esses mecanismos impactam na construção de um audiovisual mais diverso e representativo da sociedade brasileira e suas minorias.

Referências

ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diversidade e Direitos na interculturalidade global*. São Paulo: Observatório Itaú Cultural. n°08. 2009

DE OLIVEIRA LIMA, Maria Érica; SOUZA, José Jullian. **A Era Rede Globo**: segunda fase da expansão e interiorização da televisão no Brasil. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 20, n. 2, p. 207-229, 2023. Disponível

em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/94552>> . Acesso em Julho de 2025.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. São Paulo, 2018. Companhia das Letras.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa nacional de saúde 2019: orientação sexual autoidentificada da população adulta*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2022: religiões: resultados preliminares da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

MIKOS, Camila Macedo Ferreira; SIERRA, Jamil Cabral. *Representações LGBT no cinema contemporâneo: Resistência e Capturas*. Revista Científica FAP. Curitiba, v. 18, n. 1, p. 90-105, jan/jun 2018.

MOREIRA, Antônio do Nascimento. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

MOTA, Gabriel Batista. *Análise de obras cinematográficas destinadas ao público gay masculino*. Revista Práticas de Linguagem. Juiz de fora, v.11, n. 1, p. 109-203, fev 2022.

SILVA, Uli Almeida. *A representatividade LGBT na plataforma Netflix: um estudo a partir de quatro personagens*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.